

## CINZAS NA COLHEITA

**\* Roberto Rodrigues**

Textos maravilhosos já foram escritos, abundantes, sobre esta fantástica e contagiante alegria que domina milhões de brasileiros durante os dias do carnaval.

Todas as tristezas, medos, tragédias e grilhões do cotidiano são deixados de lado e pessoas se entregam, entusiasticamente, a esta espécie de “liberdade provisória” decretada por um rei de mentirinha, Momo.

Não há crise que resista a uma marchinha de letra fácil e galhofeira. Fantasmas do desemprego, da redução do salário e da renda, da necessidade de diminuir o ritmo de produção, dos mercados fechados, do protecionismo dos mais ricos, entre tantos outros que assombram o dia a dia de cada um, são atropelados pelos trios elétricos, esmagados pelos carros alegóricos, exorcizados pelos corpos esculturais das mulheres lindas que espargem sensualidade com seus movimentos de quadris, pernas, braços, ombros, cabeça e o samba nos pés.

Depois, na quarta-feira de cinzas, fica um gosto esquisito na boca. Não é só a ressaca de algumas doses a mais, não é só o cansaço das noites mal dormidas ou dos músculos sobre exigidos. É mais do que isso. Quase que um arrependimento envergonhado “deste esquecimento”. Até um remorcinho, por ter traído a companhia permanente da luta pela sobrevivência.

Felizes aqueles que, nesta deliciosa loucura, conseguem começar um novo romance, uma nova fase, neste cosmos indecifrável em que órbitas de energia se encontrem por um acaso sublime. Para estes, não há cinzas, mas um recomeço. E o carnaval vira uma espécie de colheita, a de uma nova vida, e a única que vale a pena, porque juntada à de outrem.

No carnaval que passou, esta sensação que se repete todos os anos também envolveu, pelo país afora, outros personagens, que não sambaram e nem cantaram, mas também colheram. Literalmente! Diferente dos foliões que realizaram sua safra de alegria, estes outros colheram grãos: produtores rurais de todos os municípios agrícolas brasileiros aproveitaram o calor e a folga da chuvarada e dirigiram suas colhedeiças aos campos encharcados.

Seu baile começou pouco antes do sábado de carnaval e seguiu no domingo, na segunda, na terça, e não parou até hoje.

Milhares de máquinas saíram dos galpões desse sertão sem fim e, roncando mais do que todas as cuícas somadas, começaram a dança, seus operadores mascarados – por causa do pó dos grãos debulhados – com um ritmo próprio, contínuo, cujo nome é “produção”.

E as toneladas foram sendo colhidas e encaminhadas para os armazéns, as indústrias ou os portos, dando início ao monumental movimento das cadeias produtivas que fazem girar a roda do progresso, alimentando, vestindo e energizando cidadãos de todo o planeta.

E os agricultores, embriagados com esta operação toda, apaixonados por cada quilo colhido de soja, de milho, de arroz, de amendoim, de feijão, de girassol, de algodão, se sentem recompensados. É o prêmio por todo um ano de luta. É a sua celebração, é o seu carnaval.

E como os outros foliões, se esqueceram dos custos de produção, das pragas, dos juros altos, dos impostos, do mercado trancado, da crise global, dos preços deprimidos, da seca...

Apenas colhem - sua folia - em êxtase. Pierrôs apaixonados, embora sempre pelo mesmo amor, que é produzir mais e melhor. Não há amor novo.

Sua quarta-feira de cinzas virá depois, na hora de fechar a conta...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**